

WALTER  
D. MIGNOLO

---

DECOLONIA  
-LIDADE  
DEPOIS DA  
GUERRA  
FRIA

---

17 MAI 2019

SEX 18:30

Grande Auditório

Duração 1h30

# A DECOLONIALIDADE APÓS A DESCOLONIZAÇÃO: ALTERAR OS TERMOS DA CONVERSA

Excertos retirados do ensaio *On Pluriversality and Multipolar World Order: Decoloniality after Decolonization; Dewesternization after the Cold War*, de Walter D. Mignolo, publicado no livro *Constructing the Pluriverse: the Geopolitics of Knowledge* (Duke University Press, 2018) – uma coletânea de ensaios sobre o conceito de Pluriverso.

Alguns termos, como Pluriversalidade, Decolonialidade ou Desocidentalização, apesar de debatidos em contextos sociais e académicos, não são conhecidos do léxico quotidiano. Para aprofundar o seu significado, consulte a publicação referida ou os links:

[waltermignolo.com/on-pluriversality](http://waltermignolo.com/on-pluriversality)  
[criticallegalthinking.com](http://criticallegalthinking.com)

Walter D. Mignolo é filósofo, professor catedrático e diretor do Centro de Humanidades e Estudos Globais da Universidade de Duke (EUA). Distinguido com o prémio William H. Wannamaker. Autor de livros como *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options* (2011) e *Histories / Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking* (1999 e 2012).

## I. A DECOLONIALIDADE NÃO É UM PROJETO ORIENTADO PARA O ESTADO-NAÇÃO

A desocidentalização e a decolonialidade emergiram da crise da descolonização durante a Guerra Fria. A desocidentalização abraçou o capitalismo para afirmar a sua dissidência política e o confronto com a ocidentalização. A decolonialidade rejeitou a possibilidade de construir estados-nação (ou de assumir aqueles que já tinham sido constituídos). A decolonialidade centrou-se na necessidade de alterar os termos (as regras, os princípios, as premissas) da conversa. Essa alteração dos termos da conversa não pode ser esperada por parte do estado (uma vez que o estado é uma das instituições fundamentais da matriz colonial do poder (MCP) para a ocidentalização política), das empresas, dos bancos ou das organizações internacionais, tais como a ONU ou o FMI. E também não pode ser esperada por parte da desocidentalização. A desocidentalização contesta o controlo da MCP, não a sua própria existência, enquanto a decolonialidade tenciona desvinculá-la da sua própria existência sem contestar quem a administra. (...) Avançar na direção dos horizontes descoloniais da pluriversalidade obriga à alteração dos termos da conversa. A decolonialidade é o caminho para a pluriversalidade.

Alterar os termos (as premissas, os pressupostos, a prática de vida em termos culturais e biológicos) da conversa compete à sociedade política emergente no seu modo de fazer e de pensar. Dado que a ocidentalização pôs em prática – desde 1500 – um mecanismo de administração e poder, ou seja, a MCP, tanto a desocidentalização como a decolonialidade tentam desvincular-se desse mecanismo, mas de formas diferentes. A desocidentalização implica uma desvinculação por meio da contestação do controlo da MCP e, portanto, da alteração do conteúdo da conversa, enquanto a decolonialidade desvincula-se para estabelecer um novo vínculo às memórias, à prática de vida e ao pensamento que foram repudiados pela MCP. A primeira conduz a um mundo multipolar. A segunda conduz a uma conceptualização da opção pluriversal descolonial sobre dois eixos: (1) mostrando os pressupostos e os alicerces da desocidentalização e da reocidentalização, mas exibindo simultaneamente a abertura que a desocidentalização proclama redesenhando os mapas das histórias locais e afastando a universalidade fingida das histórias locais ocidentais; e (2) conceptualizando a pluriversalidade e proclamando/promovendo a opção pluriversal desvinculando-se da opção anterior. (...)

Para podermos alterar os termos da conversa, nós (as pessoas) temos de partir da premissa de que o Ocidente (os EUA, a antiga Europa ocidental e os seus aliados) já não

consegue apresentar soluções para os problemas que o próprio Ocidente criou através da forma como estabeleceu, administrou e controlou a MCP. No entanto, o Ocidente pode – e deve – desempenhar um papel crucial na paz mundial, renunciando à necessidade de liderar o mundo sob a égide de um novo universalismo regional ocidental. Hoje em dia, o mundo já não precisa de um líder, e é precisamente esta situação que está a gerar o efeito de dominó nos pequenos estados que ainda querem juntar-se ao líder e nos estados grandes que já não querem ou já não precisam de ser liderados. A administração deve ser desligada da ideia de um líder no topo e todos os outros na base da pirâmide. Esse sonho ocidental já morreu.

Das histórias locais e das sensibilidades que suportaram a humilhação e a subjugação da MCP – ou seja, da modernidade/colonialidade – surgem visões alternativas de caminhos que conduzam a um horizonte pluriversal e multipolar na ordem mundial. (...)

(...) As armas ao dispor de qualquer destas três trajetórias (reocidentalização, desocidentalização e decolonialidade) são o conhecimento (...) que pode, e deve, ser dirigido no sentido de alterar tanto o conteúdo como os termos da conversa que está, há quinhentos anos, refém das ficções universais norte-atlânticas e de uma ordem mundial unipolar que essas ficções criaram e apoiaram. Aquilo de que precisamos – e que está a acontecer – é o confronto e a desvinculação da enunciação que controla a MCP que se posicionou como verdade universal nos campos das ciências, da tecnologia e em todas as outras ordens de conhecimento, e na democracia na política.

A mesma enunciação dita que quem desobedecer às regras (seja no sistema interestatal ou na organização política dos povos para proteger os seus/nossos interesses) e rejeitar o conhecimento verdadeiro merece ser encarcerado, sacrificado, marginalizado, repudiado, demonizado, e todos esses significantes de castigo que a retórica da modernidade inventa constantemente para depor os seus opositores epistémicos, justificando a eliminação física dos inimigos políticos (por exemplo, os constantes bombardeamentos israelitas aos palestinianos), ou criando perturbações económicas que afetam os concorrentes económicos e financeiros (a administração do Fundo de Reserva e a manipulação das taxas de juros, o jogo de póquer que o FMI e o Banco Central Europeu jogam com as economias emergentes).

Concebermo-nos (académicos, intelectuais, jornalistas, artistas, curadores, etc.) como membros descoloniais de uma sociedade política mundial crescente significa que os nossos objetivos deviam ser intensificar o nosso trabalho (...) de criação e promoção da pluriversalidade, o que implica a desvinculação do *ego conquiro* e do *ego cogito*, tão enraizados na formação

dos sujeitos e das subjetividades modernas: o vencedor, o mais bem-sucedido, o número um, o líder mundial, e todos os outros papéis sociais que a modernidade e o seu rescaldo – o globalismo – criaram, apoiaram e consolidaram. Temos de sublinhar, embora nunca seja o suficiente, que aquilo que sustenta a MCP é o conhecimento e não alguma «realidade» imaginada que tem de ser alterada. Não há qualquer «realidade» sem o conhecimento que cria as imagens dessa «realidade», sem as instituições que criam e mantêm o conhecimento que está a criar «realidades», e sem os agentes que estão a conduzir as instituições e as crenças epistémicas para voltar a encher o tanque da MCP. A desvinculação do *ego conquiro*, do *ego cogito* e dos seus sucessores implica também a desvinculação do jogo da vida que o *ego cogito* e o *ego conquiro* desenharam (Schirmacher, 2015).

Pretendo aqui enfatizar que o horizonte pluriversal que perspetivo – e que coexiste com a reocidentalização e a desocidentalização – é um espaço onde a alteração dos termos da conversa (...) é um projeto eticamente empenhado. Por eticamente empenhado quero dizer que coloca as instituições ao serviço das pessoas em vez de colocar as pessoas ao serviço das instituições, o que era o espírito da ocidentalização que (ainda) não está ausente da desocidentalização. Não perspetivo neste horizonte uma violência antiocidental cega em nome da desocidentalização ou da decolonialidade. A violência anti-x (seja o que for esse x) não altera o conteúdo nem os termos da conversa no âmbito de qualquer projeto. Pelo contrário, deixa intocados os princípios e as regras do jogo e só confronta o seu conteúdo: tais atos não proporcionam uma desvinculação da MCP, mas antes disputam o seu próprio jogo. E também não estou a referir-me à potencial utilização da desocidentalização e da decolonialidade como máscara para se manterem dentro das regras da MCP de modo a garantirem um qualquer benefício pessoal ou familiar. Estou a sublinhar que (a) durante quinhentos anos, a ordem mundial foi definida pela MCP e (b) que, a partir do seu domínio/exploração, emergiram conflitos que ainda hoje são canalizados pela desocidentalização e pela decolonialidade.

Permitam-me agora introduzir um exemplo delicado para esclarecer as minhas palavras; e digo delicado porque os leitores podem estar à espera de uma descrição etnográfica pormenorizada dos movimentos sociais que proclamam o pluriverso. No entanto, o pluriverso não pode ser proclamado se não existir nenhuma conceptualização do pluriverso. Mas conceptualizar o pluriverso não significa desenhá-lo. Quem seria o desenhador? (...)

## II. PLURIVERSALIDADE, O AMOR COMUNAL E DECOLONIAL

Humberto Maturana é um neurobiólogo chileno que trabalha no campo da cibernética de segunda ordem (ou segunda geração). Maturana é visto pela comunidade científica prevalente – apesar do impacto das suas teorias – como uma pessoa que pensa fora da caixa. E, felizmente, pensa mesmo. A sua reputação de pensador não convencional não é alheia ao facto de ser um pensador e cientista do Terceiro Mundo. A ciência pode ser considerada universal, mas os cientistas não o são: e se os cientistas não o são, então as ciências também não podem ser mundiais ou universais. A universalidade das ciências é um mito e uma ficção criados pela retórica da modernidade ocidental que projetou para o universal um conceito regional de saber. É a colonialidade do conhecimento no seu melhor.

As teorias de Maturana foram apresentadas na década de 1970, logo após a queda de Salvador Allende e a ascensão de Augusto Pinochet. Ele não é alheio a este contexto histórico nem se pode isolar dele. É claro que analisar o sistema nervoso de um pombo não está relacionado com o choque entre o marxismo e o neoliberalismo que ocorreu no Chile no início da década de 1970. Mas as reflexões sobre o conhecimento derivadas do sistema cognitivo do pombo podem efetivamente estar relacionadas – como acontece no caso de Maturana (2004). Creio que a comunidade científica dominante considera Maturana problemático porque ele alterou os termos da conversa e não simplesmente o seu conteúdo. Mas quais são as relações entre o trabalho dele na biologia e na cognição e como é que isso se relaciona com a decolonialidade?

A tese de Maturana que é mais relevante para a minha argumentação pode ser condensada na expressão “a origem da humanidade e a biologia do amor”, que é o título de um dos seus livros (2009). A espécie de organismos vivos que no vocabulário ocidental se passou a chamar humanos (em aymara, *runa*; em mandarim, *he*; em persa, *bashar/ensan*; e assim por diante) é uma espécie de animal que caminha sobre duas extremidades e usa as extremidades superiores como instrumentos para melhorar as suas condições de vida biológicas (através da caça, do abrigo, da agricultura) e para a regeneração da espécie. Essas extremidades também podem ser usadas para controlar e dominar outros membros da espécie, o que não é comum nas outras espécies animais. Aquilo que distingue esta subespécie de animal em particular não é só a utilização das mãos para construir instrumentos, cultivar e

cozinhar os seus próprios alimentos; é a utilização das mãos para as carícias no envolvimento comunal e a sua coordenação através da linguagem. A linguagem já era uma prática entre os caçadores uma vez que o animal-humano era o único animal capaz de construir instrumentos para caçar outros animais. A linguagem possibilita a conversa e as conversas conduzem a um comportamento coordenado. O amor é o resultado da práxis comunal e, portanto, da relacionalidade não-competitiva entre todos os organismos vivos.

É bem sabido que a maioria das espécies de animais nutre os seus recém-nascidos com amor. O ódio pelos recém-nascidos é uma manifestação rara numa sociedade competitiva como aquela em que vivemos, na qual o individualismo e a competitividade extremos destroem o comunal e criam condições de vida em que impera o desespero pela parentalidade. O amor e o comunal têm sido condições necessárias para a regeneração da espécie desde os nossos antepassados há milhares de anos até aos dias de hoje. Como é que a subespécie humana da espécie animal poderia ter sobrevivido e poderia ter-se expandido demograficamente sem amor e sem a prática comunal de nutrir os recém-nascidos? Todas as subespécies da espécie animal regeneram-se e sobrevivem há milhares e algumas há milhões de anos. No entanto, nem todas as subespécies da espécie animal usam as mãos para se envolverem relacionalmente na linguagem. A linguagem permite-nos envolvermo-nos em conversas, criar e partilhar conhecimento e construir, comunalmente, condições de vida melhores. A conversa põe o conhecimento em cima da mesa – o conhecimento comunal e partilhado. A pergunta é, portanto, em que ponto da evolução da humanidade é que os seus alicerces, o amor e o comunal, foram suplantados pela concorrência, por governantes que não obedeciam mas queriam que todos os outros lhes obedecessem, e por línguas e conhecimentos que se transformaram em ferramentas de controlo e dominação em vez de conversa e comunalidade? Em que ponto da história da humanidade o advento da sociedade se sobrepôs ao comunal? Esta é a pergunta que sublinha a interseção da origem e da regeneração da humanidade com a origem da colonialidade e as suas consequências: ocidentalização, descolonização, desocidentalização e decolonialidade.

Brevemente

# MALA VOADORA

Teatro x

## DINH€IRO

29–31 MAI 2019

QUA, QUI, SEX 21:00

01 JUN 2019

SÁB 19:00

Grande Auditório

M/12

Conferências e Debates x

# INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:



## APLICAÇÕES, IMPLICAÇÕES E ESPECULAÇÕES

05 JUN

QUA 16:00 e 18:30

Grande Auditório

Entrada gratuita

Culturgest